

# ARTIGO

## NA PEGADA DAS BANDINHA

Projeto realizado através do Edital de chamamento público Audiovisual de Joaçaba - Política nacional Aldir Blanc de fomento à cultura – PNAB (Lei nº 14.399/2022)

### Resumo

As bandinhas de bailão representam um fenômeno cultural significativo nas regiões sulinas do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Originárias das tradições musicais europeias, essas expressões musicais foram reconfiguradas e adaptadas a partir de um processo de hibridismo cultural, funcionando como dispositivos de sociabilidade, memória coletiva e construção identitária. Este artigo propõe uma análise interdisciplinar que articula história, antropologia e estudos culturais para compreender as estratégias de resistência e as dinâmicas identitárias que se manifestam nesse universo. A partir do diálogo com autores como Bauman (2001), Blacking (1973), Hall (1997) e Pérez (2012), discutimos o bailão como um espaço social e simbólico que desafia a homogeneização cultural e reafirma a diversidade cultural em um contexto de modernidade líquida.

### Introdução

As bandinhas de bailão do Sul do Brasil configuram-se como uma manifestação musical e cultural profundamente enraizada em processos históricos e socioculturais específicos. Elas emergem do encontro entre as tradições musicais trazidas por imigrantes europeus — principalmente alemães e italianos — e as realidades locais brasileiras, criando um repertório híbrido que expressa a complexidade da identidade nacional. As bandinhas constituem um espaço de sociabilidade e resistência cultural, onde se articulam pertencimentos e memórias coletivas. Compreender esse fenômeno implica superar uma visão reducionista da cultura popular, abordando-o como um processo dinâmico e relacional que desafia as tendências homogeneizadoras da globalização contemporânea.

Para isso, a pesquisa adotou uma metodologia combinando pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A revisão bibliográfica permitiu situar o fenômeno das bandinhas no contexto mais amplo da história da música popular brasileira, dos processos migratórios e das dinâmicas culturais do Sul do país. Já a pesquisa de campo focou-se na região Oeste e Meio-Oeste de Santa Catarina, áreas onde as bandinhas

de bailão mantêm uma presença significativa e uma função social relevante. Por meio de entrevistas, observações diretas em eventos e recuperação de registros audiovisuais, buscou-se compreender as práticas musicais, as narrativas dos músicos e frequentadores, bem como as articulações comunitárias que dão vida a essa manifestação cultural.

## **Contexto histórico das bandinhas do sul**

A gênese das bandinhas está ligada ao processo migratório europeu ocorrido entre o final do século XIX e início do XX, especialmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Esses imigrantes trouxeram consigo práticas musicais associadas às bandas civis e militares tradicionais da Europa (Prado, 1999). Conforme registrado por Bueno (2008), essas formações musicais desempenhavam papel central nas celebrações religiosas, festivais comunitários e eventos sociais, funcionando como uma importante instância de integração social. A transposição dessas práticas para o contexto brasileiro não ocorreu de maneira estática; houve uma incorporação gradual de elementos do universo musical brasileiro, como os ritmos do forró, samba, xote, vaneirão, e música sertaneja, que propiciaram o surgimento de um repertório híbrido e inovador.

A região Meio-Oeste de Santa Catarina, especialmente municípios como Joaçaba, Herval d'Oeste e Luzerna, constitui um território de expressiva singularidade cultural no Brasil. Fortemente marcada pela imigração europeia — notadamente italiana e alemã —, essa região desenvolveu uma identidade que se manifesta, entre outros aspectos, na música popular e nos espaços de sociabilidade coletiva, como os bailes e matinês. Neste contexto, o fenômeno do bailão, entendido como manifestação musical, social e cultural, ocupa lugar de destaque e articula uma tradição que conecta as comunidades locais a práticas comuns do Cone Sul, especialmente do sul do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

Ritmos como o vaneirão, a marcha-ré, o xote e a polca, muitas vezes executados por bandas regionais, compõem o repertório musical que embala os finais de semana em clubes, salões comunitários e festas de interior. Esses eventos funcionam como rituais sociais que reforçam laços comunitários, perpetuam tradições familiares e atualizam códigos culturais transmitidos entre gerações. As chamadas bandas de bailão — como Os Atuais, Passarela, Mercosul e Arenhart — são representantes clássicos dessa vertente musical. Em Joaçaba, destacam-se formações locais como Banda Flash Star, Trio Transasom, Banda Belli, Banda Reluz e Banda Expressão Sul, responsáveis por animar eventos e preservar a musicalidade característica da região. Exemplos de bailes bastante representativos podem ser encontrados no Clube Galpão Crioulo no Teixeira, Clube Hervalense e Unidos do Herval em Herval d'Oeste, na Sociedade Desportiva Primavera na Linha Leãozinho em Luzerna, e no CPJ e em localidades do interior em Joaçaba, onde bailes acontecem com frequência semanal e lotam os salões.

## Bailão como lugar

O bailão, entendido como o espaço físico e social onde as bandinhas atuam, é fundamental para a manutenção das relações comunitárias e dos laços intergeracionais. Lopes (2015) destaca que esse ambiente favorece a convivência entre diferentes faixas etárias e classes sociais, o que é essencial para a transmissão das tradições e a renovação dos vínculos afetivos. Sob a perspectiva de Giddens (1991), o bailão pode ser compreendido como uma localidade — um cenário onde ocorrem práticas sociais específicas que moldam as identidades dos indivíduos. Nesse espaço, atua como um dispositivo simbólico que reforça valores coletivos como hospitalidade, respeito e solidariedade.

Esse cenário é sustentado por um ecossistema comunicacional regional ativo, que inclui rádios populares — como a Rádio Catarinense nos programas Bom dia Trabalhador e Programa da Alegria, Rodeio da Amizade na Rádio Líder de Herval D' oeste e a Rádio Band FM — e programas online como Beto Molin Show no facebook da Rádio Coração voltados exclusivamente para essa estética musical. Segundo Beto Molin, “Houve mudanças, principalmente nas questões tecnológicas e técnicas. Mas a essência, tanto na produção das músicas quanto na forma de fazer rádio, continua voltada para o público e seus gostos. O estilo musical que a nossa região mais aprecia permanece forte, e a produção continua respeitando essas preferências”. Outro programa de destaque foi *Bandas e Bandinhas*, que servia como vitrine para os lançamentos das bandas e como agenda cultural para os frequentadores dos bailes.



Outro aspecto relevante refere-se ao estigma social que frequentemente recai sobre o bailão, resultado de preconceitos de classe e moralidade conservadora. Conforme argumenta Maciel (1984), o bailão é frequentemente associado a grupos subalternizados, o que gera uma visão negativa e marginalizante sobre essa prática cultural. Em resposta, os frequentadores desenvolvem códigos de conduta moral para legitimar o espaço e afastar elementos considerados indesejáveis, como grupos pertencentes a minorias sociais no campo da visibilidade. No entanto, a presença

desses grupos nos bailes também revela tensões internas e disputas simbólicas. Em uma das entrevistas, uma frequentadora do baile Galpão Crioulo do Teixeira, um baile de caráter popular, comentou: “A gente chama atenção, a gente chega e todo mundo fica olhando, como ta vestida, como tá maquiada, com quem chegou. A gente é bem apontada nesses lugarzinhos que só tem gentinha metida. A gente gosta do povão, a gente é do povão, por isso viemos aqui, a gente é muito respeitada aqui, não é por que somos trans ou travesti que eles não respeitam ”.

Esse controle social manifesta-se por meio da imposição de normas baseadas em valores heteronormativos e conservadores, muitas vezes vinculados a instituições religiosas e conceitos tradicionais de família. A repressão serve, assim, para garantir uma ideia de respeitabilidade do bailão dentro do grupo, estabelecendo uma fronteira simbólica entre o que é legítimo e o que é rejeitado (Maciel, 1984). Essa dinâmica revela a complexidade das relações de poder presentes no espaço do bailão, onde a resistência cultural convive com mecanismos internos de exclusão e moralização.

### **A construção estética da música de bailão.**

As bandinhas de bailão são exemplares do que Stuart Hall (1997) denomina cultura como um processo contínuo de construção e reconstrução identitária, marcado pela negociação entre passado e presente, local e global. Os repertórios musicais dessas bandas combinam gêneros tradicionais europeus, como polcas e xotes, com influências locais brasileiras, incluindo vanerões e chamamés. Essa mescla sonora representa um hibridismo que ultrapassa a simples fusão estética, configurando-se como estratégia cultural para afirmar a continuidade histórica ao mesmo tempo em que dialoga com as demandas do público contemporâneo. O uso de instrumentos como acordeão, trompete e saxofone, em conjunto com recursos eletrônicos modernos, indica uma capacidade adaptativa que permite às bandinhas se manterem relevantes, mesmo frente à expansão dos meios digitais e da música globalizada (Silva, 2018).

Segundo um dos integrantes do Trio Transasom, “O que hoje chamam de "bandanejo" é uma evolução, ou talvez uma mudança, do que costumávamos chamar de bandinha. E é uma pegada mais rápida, mais moderna, com guitarrinha e uma percussão mais forte. Não é mais aquela bandinha tradicional. É uma mistura do sertanejo com o estilo de banda de baile, com mais energia, mais ritmo. O Passarela, por exemplo, já entrou nessa onda com o "bandanejo", uma versão mais acelerada da bandinha.



A teoria da modernidade líquida, formulada por Zygmunt Bauman (2001), oferece um quadro interpretativo valioso para entender a dinâmica das bandinhas de bailão em um mundo marcado pela volatilidade das relações sociais e pela efemeridade das práticas culturais. Enquanto a cultura hegemônica tende à fragmentação e ao consumo rápido, as bandinhas resistem promovendo espaços de continuidade e engajamento coletivo. Essa resistência, contudo, não implica isolamento ou rejeição total do novo, mas uma negociação que integra elementos contemporâneos sem perder a essência identitária. As redes sociais, por exemplo, são utilizadas como ferramentas para divulgar eventos, alcançar novos públicos e fortalecer o sentimento de pertencimento comunitário (Costa, 2020).



### BAILÃO

Público · 5,6 mil membros · 4 posts por dia

[Participar](#)



### #SÓTOCABAILÃO

Público · 12 mil membros · 8 posts por mês



1 amigo é membro

[Participar](#)



### SÓ BILAO

Público · 1 mil membros · 6 posts por mês

[Participar](#)

**Divulga Baladas, Bailes e Shows Alto Vale e Região!**  
Público · 12 mil membros · 10 posts por dia  
3 amigos são membros

**O Melhor do Bailão**  
Público · 8,9 mil membros · 9 posts por dia

**Estrelas Do Bailão**  
Público · 2,3 mil membros · 4 posts por dia

**Bailão (Oficial)**  
Público · 5 mil membros · 8 posts por mês  
1 amigo é membro

Daniel da banda Os Atuais destaca a renovação das bandas, tanto em formação quanto em estratégias. Ele mesmo trouxe ideias novas aos Atuais, especialmente no uso das redes sociais, inserindo conteúdos mais informais e de bastidores. Apesar de certa resistência inicial, sua aproximação com o vocalista Paulinho facilitou essa modernização gradual. “Sabe a gente criava um Hills lá e não adianta um vídeo de humor vai dar mais visualização, mais comentário, mais engajamento do que algum outro tema, na maioria das vezes então a gente começou a fazer alguns vídeos usando o boné de uma marca, por exemplo e começou a conseguir usar as redes sociais pra isso e aos poucos o Paulinho, por ser o cantor, por puxar a frente da coisa conseguiu ir levando um pouquinho pra esse lado, sabe claro, não virando bagunça e só postar esse tipo de coisa mas conseguiu ir inserindo ali de certa forma, sabe planejado e organizado também.” Destaca Daniel.



Da mesma forma, a rádio continua sendo um elo vital com as comunidades: “A importância do rádio para os artistas é total. Sem um meio de comunicação para divulgar o trabalho, nada faria sentido. O rádio é essencial para o sucesso, principalmente de quem trabalha com música regional, como a bandinha e o bailão”, comenta Beto Molin, músico e comunicador de Joaçaba. Nesse sentido, as bandinhas atuam como contra-ritmo à cultura dominante, reafirmando práticas culturais locais e resistindo à homogeneização imposta pela globalização

## **Considerações Finais**

A presença expressiva dessas formações musicais em cidades como Joaçaba, Luzerna, Herval d'Oeste, Capinzal, Catanduvas, Concórdia e tantas outras do interior catarinense evidencia a permanência de um ecossistema cultural ativo, sustentado por músicos, comunidades, salões, rádios e redes sociais. O bailão, enquanto espaço físico e simbólico, continua sendo um ritual de socialização intergeracional e uma estratégia de reprodução de valores coletivos, mesmo diante da pressão de modelos culturais hegemônicos e da precarização dos circuitos culturais populares.

Assim, as bandinhas de bailão reinventam continuamente sua linguagem e seu lugar no mundo, mantendo-se como expressão legítima das culturas do interior. Ao reconhecer seu valor, propõe-se a superação de preconceitos e a valorização de uma estética marcada pela pluralidade, pela mestiçagem sonora e pelo compromisso com a vida coletiva — elementos essenciais para se compreender o Brasil profundo e suas múltiplas identidades.

## **REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUENO, Thaís. Bandas e bandinhas: memórias da música e da cultura popular no Sul do Brasil. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

COSTA, Fernanda. Bandas de bailão e redes sociais: estratégias de visibilidade e pertencimento no Sul do Brasil. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOPES, Antônio Herculano. Cultura popular e espaços de sociabilidade no Sul do Brasil. São Paulo: Annablume, 2015.

MACIEL, Cláudia. Moral e tradição nos bailes do Sul: um estudo sobre sociabilidade e controle social. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1984.

PRADO, Débora. Banda e tradição: a música das comunidades de imigrantes no Sul do Brasil. São Paulo: Hucitec, 1999.

SILVA, Marcos Vinícius da. A sonoridade das bandinhas: tradição e inovação na música de baile do Sul do Brasil. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.